



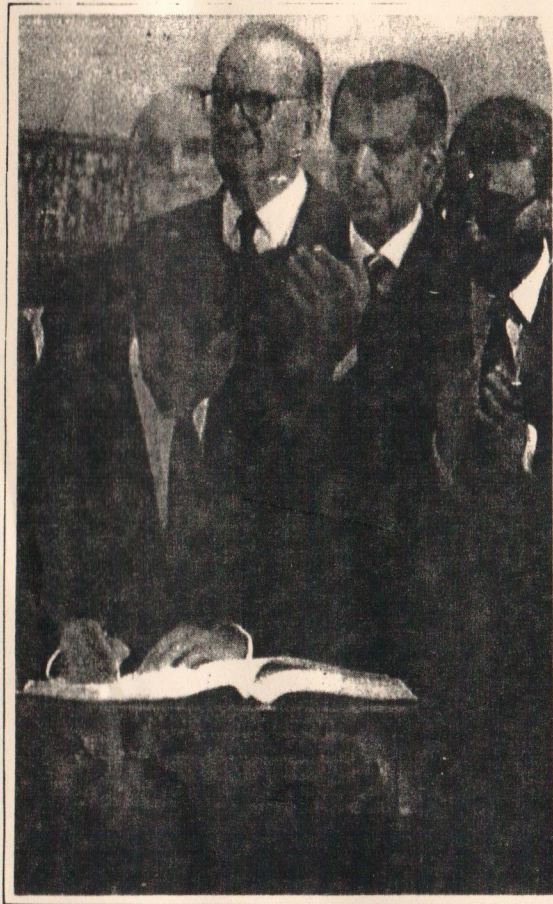
# A polêmica da biodiversidade na Eco-92

Por LETÍCIA BORGES

RIO (AE) - Depois de dinheiro, em suas infinitas variações o que mais se ouve falar na Rio-92 é a palavra biodiversidade. E o futuro do planeta em discussão, mas muita gente não sabe o que é e por que há tanta polêmica sobre o tema. A definição é muito simples: é o conjunto dos seres vivos da Terra, as espécies e os ecossistemas. Os maiores detentores de biodiversidade são os países tropicais - a imensa maioria do Terceiro Mundo. E quem tem a maior capacidade tecnológica e industrial para desenvolver produtos a partir desta biodiversidade são os países industrializados. E aí começa a briga.

O atlas da Conservação Internacional, entidade ambientalista fundada há cinco anos nos Estados Unidos especializada na proteção de espécies ameaçadas de extinção, registra alguns dados interessantes. Em relação aos animais, os cinco países com maior diversidade mamífera são, pela ordem, Indonésia, México, Brasil, Chile e Zaire. Os com maior diversidade de aves são Colômbia, Peru, Brasil, Índia e Equador. Com relação aos répteis, a ordem é México, Austrália, Indonésia, Brasil e Índia. Aos anfíbios, Brasil, Colômbia, Equador, México e Índia. Acrescentando-se a estes China e Malásia, certamente estará representado neste universo quase todo o mapa da biodiversidade do planeta.

Estes países queixam-se de não receber nada em troca do que é tirado do seu patrimônio. Daí surgiu a necessidade de uma convenção para estabelecer um quadro em que fosse possível um certo equilíbrio no relacionamento entre os dois lados. O texto foi negociado durante quase dois anos e transformou-se num documento que divide os países. A con-



O presidente Collor assina o tratado da biodiversidade e é aplaudido por autoridades estrangeiras

venção já foi aberta à assinatura, mas os Estados Unidos relutam em aderir a ela.

O chanceler brasileiro Celso Lafer insiste: não há motivo para isso. Ele afirma que todas as reivindicações norte-americanas foram contempladas, inclusive em relação à biotecnologia, a outra ponta do problema, que traz uma carga grande de polêmica. A biotecnolo-

gia vai processar os frutos da biodiversidade e aí pode-se fazer a lista das experiências genéticas mais simples até as que hoje frequentam o universo da ficção científica. Para isso são também necessárias regras, que levem em conta a propriedade intelectual dos processos e produtos - outro ponto-chave da discussão que os Estados Unidos apontam como obstácu-



Destruição da floresta: uma ameaça a todo o conjunto de espécies vivas.



A ave preta: uma extinção que custa milhares de dólares

lo para o consenso. Esta é, na avaliação do coordenador das posições brasileiras, embaixador

Marcos Azambuja, o documento mais importante para o Brasil nesta Conferência.

## Ricos e pobres com o mesmo argumento na Eco

Evaristo E. de Miranda

Sejam claros. Detentores de grande parte da biodiversidade do planeta, os países tropicais desejam que o uso de suas espécies pelos desenvolvidos seja pago. Para eles, essas espécies naturais são como diamantes brutos. Têm valor intrínseco. Os desenvolvidos entendem que só depois de lapidada elas teriam valor. Querem patentear-las no final dos processos de manipulação genética. Querem garantias de retorno financeiro na comercialização. Já os pobres: países tropicais querem um 'patenteamento' desde a origem. Esse é uma das polêmicas que a Convenção da Biodiversidade aborda de forma insuficiente.

É bastante paradoxal, e até curioso, que esses mesmos países desenvolvidos e subdesenvolvidos - estejam de acordo e em desacordo usando os mesmos argumentos. Os pobres são contra o patenteamento de novas substâncias e espécies vivas, obtidas por biotecnologia e pela manipulação genética. Um bom exemplo é a Lei de Patentes que tramita neste momento no Congresso Nacional e que está suscitando uma grande oposição. Mas esses mesmos opositores são a favor do patenteamento da biodiversidade nativa. A posição dos desenvolvidos é rigorosamente oposta.

Radicalismos à parte, a Rio-92 poderia ser uma excelente ocasião para o início de uma negociação frutuosa. Natureza e tecnologia devem estar ao serviço de todos. Neste momento o Instituto Nacional do Câncer nos Estados Unidos está testando 3.000 substâncias de origem vegetal com evidências de serem eficientes no combate à doença. Dessas substâncias mais de 2.500 são de origem tropical. A doença é mundial e todos necessitam de remédios mais eficazes. Num negociação todos ganham. Quando só um lado sai vencedor, trata-se de imposição.

(.) Evaristo E. de Miranda é cientista e coordenador da rede Biotnet/AE.